

Feminização das migrações: mulheres guineenses no vale da Amoreira na pandemia Covid-19

Renata Maria Franco Ribeiroⁱ 

Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal

1

Resumo

A nível global, o período da pandemia Covid-19 foi marcado por sérias dificuldades sociais que afetaram de forma diferenciada as mulheres, especialmente as mulheres do Sul Global. Destacamos o caso das mulheres guineenses no bairro do Vale da Amoreira, na Grande Lisboa (Portugal). A mobilização e articulação nas redes sociais, em particular a entreaajuda entre as mulheres guineenses na diáspora, constituíram estratégias que reforçaram a participação e a construção da cidadania na superação de diversas dificuldades, tais como a busca por emprego, o cuidado com os filhos, o acolhimento na chegada a Portugal e o apoio para quem precisou partir para outro país na Europa. Como método de análise, através das lentes etnográficas e do convívio com as participantes da pesquisa, constatámos que as redes de apoio tinham uma base intraétnica: no caso, as mulheres manjacas (etnia) e as mulheres muçulmanas (mandingas e fulas) acionavam as suas famílias na Guiné-Bissau, bem como os conterrâneos que anteriormente haviam imigrado para Portugal e estavam agora noutros países da Europa. É importante destacar que o isolamento social, medida adotada pela Organização Mundial da Saúde, não correspondia à realidade de parte dessas mulheres.

Palavras-chave: Migração feminina. Mulheres guineenses. Redes sociais

The daily life of guinean women in the Amoreira valley during the Covid-19 pandemic

Abstract

At a global level, during the Covid-19 pandemic, serious difficulties emerged, affecting women in different ways, particularly those in the Global South. We highlight the case of Guinean women in the Vale da Amoreira neighborhood in Greater Lisbon (Portugal). The mobilization and organization through social networks (inter-aid) by Guinean women in the diaspora served as associative strategies that reinforced their participation and the construction of citizenship while overcoming various challenges, such as finding a job, caring for children, and receiving support upon arrival in Portugal or when needing to leave for another country in Europe. As a method of analysis, using ethnographic lenses and interacting with the research participants, we found that the intra-ethnic network—comprising Manjaca women (ethnicity) and Muslim women (Mandinka and Fula)—activated their families in their country of origin, Guinea-Bissau, as well as compatriots who had previously immigrated to Portugal and were in other European countries. We

emphasize that the social isolation measures adopted by the World Health Organization did not align with the reality of some of these women.

Keywords: Female migration. Guinean women. Social networks.

1 Introdução

2 Este relato de experiência faz parte da minha convivência com as mulheres guineenses que participaram da pesquisa "Mulheres Guineenses, Agencialidade e Redes Sociais em Contexto Pandêmico: Uma Etnografia do Cotidiano no Bairro do Vale da Amoreira (Moita-Portugal)", realizada nos anos de 2021 e 2022, no âmbito do curso de Mestrado em Antropologia na Universidade de Lisboa.

A problemática desta investigação foca-se nas redes das mulheres guineenses e insere-se num quadro conceptual que articula o fenómeno das migrações internacionais com a feminização das migrações, a agencialidade e as redes sociais das mulheres guineenses residentes na freguesia do Vale da Amoreira, localizada na área metropolitana de Lisboa.

Destacamos que as mulheres guineenses possuem identidades e pertenças diversas, seja pela origem multiétnica, pelo mosaico linguístico ou pela diversidade religiosa. Estas mulheres são educadas em contextos diferenciados, baseados em costumes comunitários não ocidentais, valores e crenças de uma sociedade heterogénea em termos sociais e organizacionais, que as une enquanto nação guineense.

Como observa Gomes (2010, p. 10), é necessário considerar a condição das mulheres guineenses como não universal, respeitando e compreendendo a sua agencialidade como uma ferramenta de sobrevivência e ligação com as suas pertenças e redes sociais, considerando que estas pertencem a sociedades coletivistas, onde as mulheres procuram organizar-se tanto no país de origem quanto na diáspora para concretizar os seus projetos e atender às suas necessidades diárias.

Formulámos a seguinte pergunta de partida: Como as mulheres guineenses do bairro do Vale da Amoreira (Moita) utilizam as redes sociais para reinterpretar as suas práticas e pertenças, gerir os seus cotidianos em relação

com as instituições portuguesas e com o país de origem? Para construir tal reflexão, estabelecemos o seguinte objetivo: Identificar e analisar os efeitos da situação pandémica na dinâmica das relações sociais e na reconfiguração da agencialidade e das redes sociais das mulheres guineenses.

Portanto, interessa-nos compreender a mobilidade espacial das mulheres guineenses para Portugal, bem como os seus projetos e reivindicações na diáspora, as estratégias de microliberdades e micro-resistências no contexto pandémico. Optámos pela utilização de metodologias qualitativas, recorrendo ao método etnográfico e à biografização narrativa através da voz das participantes e da recolha de dados, através de entrevistas. Há uma relevante literatura sobre as migrações guineenses e o associativismo em Portugal, incluindo os trabalhos de Machado (2002), Quintino (2004, 2010), Có (2007), Borges (2010), Costa (2016), Carreiro (2007).

Entretanto, ainda se aborda pouco a migração feminina como sendo composta por sujeitos dos seus próprios projetos migratórios, seja como chefes de família, na continuidade dos estudos, ou na busca de melhorias económicas e bem-estar para si e seus dependentes. Embora a literatura mencione a migração dessas mulheres para fins de reagrupamento familiar, elas criam e recriam redes de entreajuda, sociabilidade e informação para gerir as dificuldades que experienciam numa outra sociedade, neste caso, europeia.

A relevância deste trabalho insere-se num quadro conceptual que ainda é pouco explorado: a feminização das migrações, a agencialidade e as redes sociais das mulheres guineenses, com um enfoque no cotidiano das participantes desta investigação. Este estudo leva-nos a refletir sobre como as mulheres na Grande Lisboa readaptaram as suas rotinas e reconfiguraram as suas redes de entreajuda, tanto no cuidado dos filhos quanto no trabalho, além de lidar com a perda de recursos económicos, considerando que, a nível global, as mulheres foram as que mais perderam os seus rendimentos.

2 Percorso Metodológico

A pesquisa antropológica foi fundamentada nos pressupostos do interpretativismo, utilizando o método da etnografia no campo epistemológico, com coleta de dados por meio de entrevistas e observação participante. Além disso, foram incorporadas outras opções metodológicas, como o método biográfico e a biografização (narrativas das histórias de vida).

4 Para a elaboração deste relato de experiência, utilizei as notas de campo, o método biográfico na coleta das narrativas dos percursos migratórios das participantes e alguns trechos das entrevistas realizadas durante o período de pesquisa entre 2021 e 2022. Para a produção da dissertação de mestrado, além do método etnográfico e das ferramentas qualitativas de pesquisa antropológica, também recorri à fotografia como recurso metodológico visual.

A pesquisa começou com um levantamento bibliográfico focado na literatura consolidada sobre migrações guineenses para Portugal, associativismo migrante e desenvolvimento, contexto laboral e identidades de gênero. Neste trabalho, apresentarei trechos das entrevistas com duas participantes, destacando o contexto laboral e a confiança recíproca para o cuidado dos filhos menores, especialmente no contexto do fechamento das escolas como medida preventiva contra a pandemia de Covid-19.

Para obter as informações, foram abordadas questões de caráter pessoal, escolaridade, social, cultural e econômico, bem como outras reflexões que surgiram considerando a situação global atual e o impacto da pandemia de Covid-19 na vida das mulheres, como o acesso à informação, à saúde e o direito ao isolamento social com medidas inclusivas.

Os encontros casuais ocorreram no bairro, com convívio cotidiano nas praças. As entrevistas e parte do convívio privado foram agendados, exigindo constante adaptação. Apesar do contato prévio e do convívio diário, a gestão do tempo das participantes e da pesquisadora foi influenciada por diversos fatores, especialmente questões laborais, com trabalhos informais e jornadas variando entre 8 e 14 horas diárias, além das responsabilidades com os filhos e a busca de emprego.

Metodologicamente, a pesquisa de campo foi realizada no bairro onde as mulheres guineenses e a pesquisadora compartilhavam o cotidiano como moradoras do mesmo local, incluindo os espaços laborais, o convívio privado e a relação escolar das crianças, filhas, filhos, netas e netos.

3 Resultados e discussões

5

Segundo Jerônimo (2019), os estudiosos das migrações internacionais Hein de Haas, Stephen Castles e Mark J. Miller apontam que o termo “feminização das migrações” não é consensual entre especialistas, sociólogos e outros cientistas sociais. As mulheres continuam a migrar frequentemente com o objetivo de reagrupamento familiar. Contudo, é importante avançar com o conceito de feminização, destacando que, no contexto global, as mulheres estão envolvidas em circuitos migratórios internos e externos para fins laborais. Isso não deve ser visto apenas em termos quantitativos, mas também como um reconhecimento das mulheres como agentes ativas em seus projetos migratórios.

O conceito de feminização das migrações, conforme analisado por alguns estudiosos como Maurinacci (2007, p. 1), pode ser compreendido a partir das particularidades dos projetos migratórios. O aumento no número de mulheres migrantes reflete seu crescente esforço para concretizar seus projetos de vida. Esse fenômeno exige uma mudança nos critérios analíticos utilizados pelos teóricos. Embora muitas mulheres migrem acompanhadas de seus companheiros e filhos, a ênfase nas estratégias de emancipação e cidadania feminina representa uma transformação significativa na análise do perfil das mulheres migrantes na contemporaneidade.

Faria (2019, p. 26) analisa o fenômeno da feminização das migrações, articulando-o com o conceito de “care,” que está relacionado ao trabalho doméstico e às constatações referentes aos cuidadores (idosos e crianças). Esse fenômeno traz impactos específicos na abordagem de gênero, com foco no percurso das mulheres migrantes Sul-Sul, na Europa e nos Estados Unidos.

É neste contexto que a minha experiência e a das mulheres participantes dessa investigação se articulam com as estratégias de sobrevivência no contexto pandêmico, onde as redes sociais dessas mulheres potencializaram microestratégias de sobrevivência, em trabalhos como cuidadoras de idosos e na prestação de serviços para trabalhos de limpeza.

A noção de redes sociais foi analisada no campo antropológico e sociológico ainda nos anos 50 (Barnes, 1987, p. 163). "*A análise e descrição daqueles processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias*" foi ampliada na atualidade a partir de múltiplas interpretações e análises das conexões indivíduo-sociedade, focando no conhecimento e na disseminação da informação.

No contexto das migrações guineenses, Quintino (2004, p. 289) considera que as redes já estabelecidas contribuem para o processo de inserção laboral; são redes de entreatajuda e solidariedade, redes de pertencimento, que podem ser acionadas pelos sujeitos de uma base étnica e familiar. Por exemplo, a rede dos muçulmanos se reproduz nas chamadas mini-redes, formadas por familiares como netos e filhos.

No Jardim da Princesa, a avó muçulmana vende gelado de cabaceira, pastéis e é cuidadora de algumas crianças, além dos netos, já que a filha se encontra em outro país europeu. O número de crianças aumentou devido ao fechamento das escolas, em decorrência das medidas de proteção contra a Covid-19, e as mães estavam trabalhando em Lisboa (notas de campo de 2021).

No convívio no bairro e com as participantes da pesquisa, observei as dificuldades para conciliar trabalho e cuidados com os filhos. Parte das mulheres teve que trabalhar mais horas em algumas empresas, algumas perderam parte de seus rendimentos e, desse modo, precisaram buscar horas de trabalho sem contrato. Conciliar cuidados com os filhos e horários de trabalho foi a maior queixa das mulheres.

Como estratégia de superação das dificuldades que se intensificaram, observa-se a articulação das mulheres com parentes na diáspora e em outros países europeus, assim como redes no comércio informal. Parte das participantes

complementava a renda com vendas nos jardins (vestuário, frutas, legumes, produtos alimentícios vindos da Guiné-Bissau).

Neste caso, as conexões de sociabilidade e entreajuda são mais expressivas entre as senhoras das etnias manjaco, fulas e mandingas (muçulmanas), e membros da família e da mesquita que frequentam, especialmente as senhoras muçulmanas.

Para Portes (2004, p. 74), “o transnacionalismo representa uma perspectiva, não é um fenômeno” em que as redes de informações e a inventividade de atualizar práticas antigas se manifestam como meios de sociabilidade, como a língua falada, a gastronomia, a música, o viver entre dois lados e as lideranças comunitárias que surgem nos bairros, ultrapassando fronteiras e lugares.

O cotidiano dos moradores do bairro do Vale da Amoreira foi alterado, assim como em outros lugares. Embora a dinâmica nos bairros seja bastante diferente da dos centros das cidades, ora as crianças não podiam se socializar com outras no jardim, ora o convívio nos bares onde os adultos costumavam se juntar também foi modificado.

As novas regras não permitiam isso. A praceta, onde as mulheres se reuniam para conviver e trançar os cabelos, também é um espaço para a manutenção dos costumes, da cultura crioula, das informações sobre Guiné-Bissau e para orientação para emprego. Sempre uma mulher indica outra mulher para mais horas de serviço ou recomenda um antigo patrão.

Durante o cenário da pandemia de Covid-19, foi um período em que as mulheres tiveram de partir, deixando seus filhos aos cuidados de parentes, como avós, tias e madrinhas. Quando surgia a oportunidade de um trabalho mais estável, era necessário ir, mesmo para mulheres que já residiam em Portugal há algum tempo.

Extrato de uma entrevista com uma participante que residia em Portugal há mais de 10 anos: tive dois encontros com a senhora devido à sua ida para a França.

Não adianta ficar ao pé de casa, se eu não tenho trabalho bom...o salário é pouco, mal dá para comedoria, renda, mas tem meninos, minha neta, tem família... vou passar um tempo, porque salário é bom. Minha filha conseguiu esse trabalho (Partícipe da etnia manjaco, 52 anos, foi trabalhar interna como cuidadora na França).

Extrato de uma entrevista de uma partícipe relatando sobre o trabalho.

Eu não tô bem de saúde, eu tô em tratamento, recebo 116 euros, eu tenho renda, comida, despesas da casa, tenho apoio das caritas, mas ainda fica difícil, por isso eu vendo nas ruas para da mais bucadinho. E as vezes sou ama, nas horas que dá. Porque cuidar de criança tem que ter saúde, eu não tenho saúde, faço essas horas quando alguém que conheço chama (Participe mancanha, 50 anos, conversa na zona F).

8

De acordo com os extratos das entrevistas acima, observa-se que a agência das mulheres guineenses potencializa as redes sociais, os espaços de sociabilidade e reconfigura a nova ordem de isolamento social em contexto pandêmico, além de mobilizar a economia local. Elas vivem dos pequenos negócios que complementam a renda familiar.

Considerando que parte de nós, mulheres migrantes do Sul Global, estamos inseridas nos trabalhos em empresas de limpeza e como cuidadoras, a pandemia do Covid-19 trouxe sérias implicações em nossos rendimentos e na forma de organização social das mulheres.

4 Considerações finais

Os impactos no cotidiano de todas e todos no contexto pandêmico da COVID-19 não podem ser universalizados em seus efeitos, seja em termos econômicos, de bem-estar, redes familiares, ou considerando as marcas profundas das desigualdades no acesso à saúde, educação e apoios sociais.

Para as mulheres participantes dessa investigação, nem sempre foi possível conciliar o apoio nas atividades escolares dos filhos com a jornada de trabalho e o apoio familiar, devido à mobilidade de algumas delas para se juntar aos parentes em outros países europeus.

Propomos compreender a agência das mulheres, bem como a reconfiguração das redes. Dessa forma, relatamos o engajamento das participantes na reorganização e readaptação no cotidiano privado e público, devido à necessidade

de se deslocarem para se juntar à família em outro país europeu para fins laborais, bem como à negociação com mulheres guineenses na Grande Lisboa e no país de origem.

Destaco que o Estado português não conseguiu incluir a todas com acesso aos apoios sociais e respostas emergenciais para não perder de forma parcial ou total suas atividades laborais. Nesse caso, as redes sociais das mulheres guineenses foram fundamentais para a sobrevivência na diáspora portuguesa.

Referências

BARNES, J. A. Redes Sociais e Processo Político. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). **Antropologia das Sociedades Contemporâneas**. São Paulo: Global, 1987: 159 – 194.

BORGES, M. Migrações e gênero: Acerca das migrações guineenses em Portugal (Apresentação de comunicação). **VII Congresso Ibérico de Estudos Africanos**, Lisboa. Repositório Iscte, setembro 9-11, 2010.

CARREIRO, M. J. **Dinâmicas transnacionais protagonizadas por associações de migrantes guineenses em Portugal**. CIES e-working paper nº 26/2007. Repositório Iscte, 2007.

COSTA, B. A. da. **Diáspora guineense como agente de desenvolvimento local: O papel das associações guineenses em Portugal nos projetos de cooperação e desenvolvimento na Guiné-Bissau**. Dissertação de mestrado, Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. Repositório Iscte, 2016.

COSTA, Wendell M. A. Resenha: Redes sociais e processo político em J. A. Barnes. **Revista Conversas e Controvérsias**, Porto Alegre, vol.4, n.1, 2017.

FARIA, Guélmer Júnior Almeida de. Feminização dos Circuitos Migratórios: Um Diálogo entre o Trabalho do Care, Redes Sociais e Processos de Desenvolvimento Social. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 10, n. 2, p. 24 41, 2019.

GOMES, P. M. **Mulheres em associação na Guiné-Bissau: gênero e poder em Babock e Bontche**. Dissertação de Mestrado. Fortaleza (CE): Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, 2019.

JERÓNIMO, Patrícia et al. **Igualdade de Gênero: Velhos e Novos Desafios**. Centro de Investigação em Justiça e Governança (JusGov). Escola de Direito da Universidade do Minho ISBN 978-989-54032-8-8, 2019.

MACHADO, F. L. **Contrastes e continuidades**: Migração, etnicidade e integração dos guineenses em Portugal. Celta Editora, 2002.

MARINUCCI, R. Feminização das Migrações? REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, 15 (29): 5-22, 2007.

PORTES, A. Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo imigrante. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 69: 73-93, 2004.

QUINTINO. M.C. R. **Migrações e etnicidade em terrenos portugueses guineenses**: Estratégias de invenção de uma comunidade. Tese de doutoramento não publicada. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP/UTL), 2004.

10

ⁱ **Renata Maria Franco Ribeiro**, ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7455-3589>

Instituto Universitário de Lisboa

Professora de História e Geografia da secretaria Municipal de Guaramiranga-Ceará. Mestra em Antropologia. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP)-Universidade de Lisboa.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8306959040910206>

E-mail: renataribeiroiscte@gmail.com

Editora responsável: Arliene Stephanie Menezes Pereira Pinto

Recebido em 05 de novembro de 2023.

Aceito em 06 de maio de 2024.

Publicado em 05 de agosto de 2024.

Como citar este artigo (ABNT):

RIBEIRO, RENATA MARIA FRANCO. Feminização das migrações: mulheres guineenses no vale da Amoreira na pandemia Covid-19. **Ensino em perspectivas**, Fortaleza, v. 5, n. 1, 2024.